

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Centro Regional do Porto  
Faculdade de Teologia

## HUMANÍSTICA E TEOLOGIA

Publicação Quadrimestral  
ISSN 0870 - 080 X

Ano 27 - Maio/Agosto 2006 - Fasc. 2

### DIRECTOR

António José da Rocha Couto

### CONSELHO DA DIRECÇÃO

António do Carmo Reis  
José Acácio Aguiar de Castro  
Manuel de Pinho Ferreira  
Manuel da Silva Rodrigues Linda

### EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FACULDADE DE TEOLOGIA  
Rua Diogo Botelho, 1327  
4169-005 PORTO PORTUGAL  
Tel. 226196200 Fax 226196291  
e-mail: Hum.Teologia@porto.ucp.pt

### ASSINATURA ANUAL

Portugal	EUE 15.00
Europa	EUE 30.00
Extra-Europa	USD 38.00

### FASCÍCULO AVULSO

Portugal	EUE 7.50
----------	----------

### COMPOSIÇÃO E ARRANJOS GRÁFICOS

João Nuno Bastos

### IMPRESSO

Sersilito - Empresa Gráfica L.<sup>da</sup> / Maia  
Depósito Legal: 18086/87

## O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza

“Sabeis que a humanidade pode passar sem os ingleses, pode passar sem a Alemanha, nada lhe resulta mais fácil do que passar sem os russos, para viver não necessita de ciência nem de pão, mas só a *beleza* lhe é indispensável, pois sem beleza já não haveria nada a fazer neste mundo! Aí reside todo o segredo; toda a história está aí”<sup>1</sup>. Assim exprime Dostoiévsky a sua profunda convicção, na obra “Os possessores”.

Uma outra grande figura do realismo russo, Gogol, abandonado às suas amargas ilusões, exclama: “Como é terrível a nossa vida e os seus contrastes entre o sonho e a realidade... Mais te teria valido, ó beleza, não existir, permanecer alheia a este mundo...!”<sup>2</sup>.

Por sua vez, no primeiro volume da sua monumental obra “Glória. A percepção da forma”, H. U. von Balthasar escreve que “a nossa palavra inicial se chama beleza” e que “a beleza é também a última palavra que o intelecto pensante pode ousar pronunciar!” E a razão da afirmação é que o homem é imagem de Deus-beleza e palavra de resposta ao Deus vivo, por conseguinte forma (imagem) que não coarctar o espírito e a liberdade, mas se identifica com eles.

Perante as imagens insuportáveis do horror e da angústia deve ser pois proposta a questão da estética teológica, da teologia da beleza em relação com a cultura e as diversas formas da arte. No centro da nossa reflexão estará a cruz, acontecimento absolutamente decisivo, no qual o

<sup>1</sup> Citado por EDVOKIMOV, Paul – *El arte del icono. Teología de la belleza*. Madrid 1991, 41.

<sup>2</sup> *Ib.*, 42.

homem é definido pela “forma de Cristo” (Gal. 4,19) onde a beleza de Deus se manifestou de forma paradoxal e suprema, por conseguinte, na sua originalidade.

### 1. A actualidade do belo: entre a utopia e o desencanto, “a via da beleza”

A época da chamada modernidade é caracterizada pela “razão forte”, absoluta e pela utopia: a época em que a razão moderna pensava ter compreendido tudo e em que a vontade de poder das ideologias pretendia impor à realidade, complexa e dramática, a totalidade clara e sem sombras da ideia, a aspiração utópica de um “reino do homem” perfeito. Nesta ambição não restava espaço para a beleza, porque não pode haver lugar para ela onde não se reconheça o que está mais para além da realidade, o indizível, o inefável, o mistério. A beleza evoca, não captura; suscita, não prende; invoca, não presume<sup>3</sup>. Por isso, no tempo da utopia da razão adulta, a beleza foi exilada ou reduzida a cálculo ou kitsch. Afirma von Balthasar: “A beleza desinteressada, sem a qual o velho mundo era incapaz de compreender-se, despediu-se, na ponta dos pés, do mundo moderno dos interesses, para abandoná-lo à sua cupidez e à sua tristeza”<sup>4</sup>. A consequência dramática deste exílio da beleza está na inevitável perda do sentido do verdadeiro e do bem: “Num mundo sem beleza... também o bem perdeu a sua força de atracção, a evidência do seu dever ser cumprido... Num mundo que não se crê mais capaz de afirmar o belo, os argumentos em favor da verdade esgotaram a sua força de conclusão lógica”<sup>5</sup>.

De igual modo, se exprimiu A. Solzenitzyn, em Estocolmo, ao receber o prémio Nobel: “O mundo moderno, agarrando-se à grande árvore do ser, partiu o ramo da verdade e do bem. Resta só o ramo da beleza e compete-lhe agora assumir toda a linfa do tronco. A força de convicção que está ínsita numa autêntica obra de arte é absolutamente inconfundível, obriga a submeter-se mesmo o coração mais hostil”<sup>6</sup>.

No final da época moderna torna-se urgente uma recuperação da beleza da verdade e do bem que os torne amáveis porque, como diz St<sup>o</sup> Agostinho,

“só se pode amar o que é belo”<sup>7</sup>. A uma humanidade que descobriu tão intensamente a mundaneidade do mundo e procurou emancipar-se de toda a perspectiva estranha ao horizonte terreno, é necessário mais que nunca propor a verdade amável, o bem atraente, o “escândalo” ao mesmo tempo fascinante e inquietante da humanidade de Deus. Quer dizer, é necessário redescobrir a chave estética da aproximação à verdade que salva, ao bem que liberta.

A cultura da pós-modernidade é caracterizada pela razão débil e pelo desencanto em que a visão totalitária da razão cedeu o lugar a uma visão fragmentada, a massificação das ideologias deu lugar à multidão de solidões. Nesta cultura niilista, do vazio de verdades e valores universais, de suspeita em relação a todos os grandes horizontes de sentido, só a beleza pode oferecer-se como via de encontro com aquilo pelo qual valha a pena viver e viver juntos, com aquilo que seja capaz de vencer a dor e a morte e dar esperança à vida.

Entre a utopia e o desencanto apresenta-se-nos hoje a redescoberta do belo, “a via da beleza” como metáfora de um caminho possível e fecundo para restituir aos fragmentos um horizonte de sentido e captar na Verdade, no Bem e no Amor últimos a verdadeira fonte da dignidade e da beleza de cada fragmento.

“O homem não pode viver num mundo sem beleza e esta é, em última instância, um reflexo e uma participação da glória (beleza) de Deus. Depois de séculos de saturação pela moral e pela psicologia, a consciência contemporânea reclama a estética e a mística”<sup>8</sup>, nota Olegario de Cardedal.

É preciso pois abrir-se ao sentido do belo, a ser educado ao amor da beleza que salva, oferecida na revelação cristã. Só a compreensão da beleza da verdade e do bem poderá estar em condições de falar com eficácia ao mundo humano, demasiado humano, que é o nosso mundo pós-moderno, à razão e ao coração do homem pós-moderno.

Ele não tem necessidade de provas de força (apodícticas) depois de tantas oferecidas pelas ideologias. Não tem sequer necessidade de renúncias débeis, de um estéril refúgio no privado individual. Aquilo de que todos temos necessidade é da oferta da proximidade do Amor capaz de misericórdia e compaixão – redentor.

<sup>3</sup> Cf. FORTE, Bruno – *La Porta della Bellezza. Per una estetica teologica*, Brescia 1999, 61-63.

<sup>4</sup> *Gloria I. La percezione della forma*. Milano 1975, 10.

<sup>5</sup> *Ib.*, 11.

<sup>6</sup> Citado por MARTINI, C. M. – *Coraggio, non temete!* Bologna 2000, 486.

<sup>7</sup> *De Musica*, VI 13, 33.

<sup>8</sup> *La entraña del cristianismo*. Salamanca 1997, 130.

O rosto da verdade e do bem que mais pode atrair a si a humanidade é o da beleza humilde do Amor eterno, incarnado e crucificado. A estética teológica é chamada a anunciar aos homens, em chave de beleza, a alegria da salvação que no Verbo incarnado lhes foi e é dada.

Revisitar as linguagens da beleza na memória teológica e cultural do Ocidente é pois o caminho para responder à questão decisiva sobre onde e como poderá ser possível ao pensamento moderno e aos homens de hoje reapropriar-se da via salvífica da beleza e como ela é fonte de uma cultura de beleza.

## 2. A Beleza que salva

Na Carta aos Artistas, o Papa João Paulo II aponta o advento da beleza salvífica no mistério da encarnação. “Fazendo-se homem, o Filho de Deus introduziu na história da humanidade toda a riqueza evangélica da verdade e do bem e, através dela, pôs a descoberto também uma nova dimensão da beleza, de que está completamente cheia a mensagem evangélica”<sup>9</sup>.

De facto, Jesus Cristo, Verbo encarnado, é o ponto culminante de toda a Beleza divina que se manifesta na criação e ao longo da História da Salvação. É a beleza de Deus manifestada no mundo de modo humano, único e irrepetível. A figura de Cristo é figura suprema do belo.

Mas como entendemos a beleza? Em que relação está com o bem, com Deus, com as realidades profundas e últimas do homem e da história? Pode ajudar-nos nesta compreensão um autor russo, Dostoievsky. No seu romance, o *Idiota*, põe nos lábios do ateu Hipólito a seguinte pergunta ao príncipe Myskin: “É verdade, príncipe, que disseste, um dia, que a beleza salvará o mundo? Senhores – gritou forte para todos – o príncipe afirma que o mundo será salvo pela beleza... Que beleza salvará o mundo? O príncipe fez silêncio...”.

A pergunta fica em suspenso. Mas o silêncio de Myskin – que está cheio de compaixão ao lado dum jovem prestes a morrer de tuberculose, aos 18 anos – parece querer dizer que a beleza que salva o mundo é o amor que partilha a dor<sup>10</sup>. O grande autor russo pensa na beleza redentora de Cristo. Responderá a esta pergunta numa carta à sobrinha Sónia Ivanova, dizendo: “Não há nem pode haver nada mais belo que Cristo. Existe no

<sup>9</sup> N° 5.

<sup>10</sup> Cf. MARTINI, C. M. – *Quale bellezza salverà il mondo?*, Milano, 1999, 11.

mundo um único ser absolutamente belo, o Cristo, mas a aparição desse ser infinitamente belo é, com certeza, um milagre infinito”<sup>11</sup>.

A beleza de que aqui falamos não é pois a beleza exterior, sedutora e efémera. É antes aquela beleza “tão antiga e tão nova” que Santo Agostinho confessa como objecto do seu amor purificado pela conversão, ao exclamar: “Tarde te amei, ó Beleza sempre antiga e sempre nova, tarde te amei!” Para ele, a beleza não é qualquer coisa, mas Alguém, o Tu amado – a Beleza de Deus que transparece no rosto de Cristo, o Pastor belo que dá a vida pelas suas ovelhas. Será pois a hora pascal a revelar o rosto desta beleza.

A Tradição da Igreja exprime a beleza de Cristo com as palavras do Salmo 45, 3: “Tu és o mais belo entre os filhos dos homens; dos teus lábios derrama-se a graça”.

A Igreja lê este salmo como expressão poética e profética da relação sponsal de Cristo com a sua Igreja. A graça que se derrama dos seus lábios, significa a beleza íntima da sua palavra de graça, a beleza do seu anúncio de salvação. É a beleza de Deus que nos atrai e nos faz correr ao encontro do Amor que nos chama e salva<sup>12</sup>.

Mas, paradoxalmente, a liturgia cristã também aplica a Cristo o texto de Isaías: “Não tem beleza, nem aparência. Vimo-lo: um rosto desfigurado pela dor”.

Como se conciliam estas duas visões? O mais belo entre os filhos dos homens é tão miserável de aspecto que nos recusamos olhá-Lo, privado de toda a beleza exterior.

Santo Agostinho, neste paradoxo, vê um contraste, mas não uma contradição. Escutemo-lo num texto verdadeiramente genial:

“Duas flautas tocam de modo diverso, mas um mesmo Espírito sopra dentro delas. Diz a primeira: ‘Ele é o mais belo entre os filhos dos homens’ (Ps 45,3). E a segunda, com Isaías, diz: ‘Vimo-lo: não tinha beleza nem aparência’ (53,2).

As duas flautas são tocadas por um único Espírito: elas não podem soar dissonantes. Não debes renunciar a ouvi-las; debes, antes, procurar compreendê-las. Interroguemos o apóstolo Paulo para ouvir como nos explicou a perfeita harmonia das duas flautas. A primeira toca: ‘O mais belo entre os filhos dos homens’ porque ‘embora sendo de condição

<sup>11</sup> DOSTOIEVSKY, F. – *Lettera alla nipote Sonia Ivànova*, in *L'Idiota*. Milano, 1982, XII.

<sup>12</sup> Cf. RATZINGER, J. – *In cammino verso Gesù Cristo*, Cinisello Balsamo, 2004, 27.

divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus' (Fil 2,6). Eis pois em que aspecto supera em beleza os filhos dos homens.

A segunda flauta toca também: 'Vimo-lo: não tinha beleza nem aparência': isto porque 'despojou-se a si mesmo assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens, sendo identificado como homem' (Fil 2,7).

'Ele não tinha beleza nem aparência' para te dar a ti beleza e aparência. Que beleza? Que aparência? O amor da caridade, a fim de que tu possas correr amando e amar correndo... Contempla Aquele pelo qual foste feito belo"<sup>13</sup>.

É o amor com que Cristo nos amou que transforma o "homem das dores diante do qual se tapa o rosto" no "mais belo dos filhos dos homens": Cristo, o Amor crucificado, entregue até à cruz, revela – porque o é em pessoa – a Beleza que salva o mundo<sup>14</sup>. É a beleza que fere, mas que, deste modo, chama o homem ao seu destino último – a salvação.

Um teólogo bizantino do séc. XIV, Nicolau Cabasilas, ilumina ainda mais este aspecto: "Seres humanos que alimentam em si um desejo humano tão poderoso que supera a sua natureza, que anseiam mais de quanto ao homem seja lícito esperar, estes seres foram feridos pelo Esposo que feriu os seus olhos com um raio da sua beleza. A amplidão da ferida revela quão grande é a irradiação; a intensidade do desejo deixa intuir quem lançou o dardo"<sup>15</sup>.

É o encontro do coração com a beleza, o ser-se atingidos pelo dardo da beleza, ser-se tocados pela presença pessoal de Cristo.

Quem crê em Deus, no Deus que precisamente no rosto desfigurado do crucificado se manifestou como amor até ao extremo, sabe que se trata da beleza do Amor que excede toda a inteligência e todo o conhecimento.

No paradoxo de Cristo, a experiência do belo recebe uma nova profundidade, um novo realismo. Falar da beleza da cruz significa pois falar de beleza num sentido "convertido". A cruz obriga-nos a repensar e a ampliar a nossa noção de beleza e a dizer a verdade da beleza do próprio Deus. K. Barth e von Balthasar insistem muito neste ponto. A noção cristã de beleza – e em específico da beleza divina – deve compreender também a cruz "e tudo aquilo que para uma estética mundana... é arrumado como

<sup>13</sup> In *Joannis Epistulam*, IX, 9.

<sup>14</sup> Cf. FORTE, Bruno – *Seguendo Te, luce della vita*. Milano, 2004, 179.

<sup>15</sup> Citado por Ratzinger, J. – *In Cammino*, 29.

não mais suportável"<sup>16</sup>. A cruz dá um sentido novo ao aforismo de Rilke na primeira das Elegias a Duíno: "O belo não é de facto outra coisa senão o início do horrendo"<sup>17</sup>. No rosto desfigurado de Cristo aparece a autêntica e extrema beleza do Amor que ama até ao fim, mostrando-se mais forte que toda a mentira e violência, pecado e morte.

A desfiguração e a deformidade de Cristo na cruz, por causa da cruz, revelam esse outro tipo dialéctico de beleza tão próprio da visão cristã do homem: "A sua deformidade foi a nossa beleza"<sup>18</sup>; "a humilhação de Cristo é a nossa glória; a sua glorificação é o nosso desafio"<sup>19</sup>.

É preciso aprender a "ver" Cristo. Não basta conhecê-lo por palavras. É preciso deixar-se ferir pelo dardo da sua beleza paradoxal através do encontro pessoal com Ele, com o seu amor.

Não se trata pois da beleza como uma propriedade formal e exterior, mas do modo de ser próprio de Deus a que aludem os termos bíblicos "glória, esplendor, fascínio", isto é, manifestação da sua santidade, da sua misericórdia, do amor entranhado, da graça vivificante, do poder ressuscitador. É isso que provoca fascínio e atrai, suscita surpresa agradável e gratificante, dedicação fervorosa, enamoramento, entusiasmo, assombro. É tudo o que o amor descobre na pessoa amada. A Beleza é pois o Amor crucificado, entregue até à morte, revelação do coração divino que ama, com o seu amor de misericórdia e a sua ternura fiel.

Todavia, a beleza do Crucificado não pode ser separada da sua vitória sobre a morte, a ressurreição, enquanto sinal da vitória de Deus na história humana e transfiguração definitiva do rosto desfigurado. A cruz não é boa ou bela em si. Só reveste beleza enquanto expressão de um acto de amor. E o amor é belo porque, por fim, não é derrotado, mas vence – mais forte do que a morte!

Desejaria sublinhar que tudo isto não é só um problema da teologia, mas também da pastoral que deve voltar a oferecer ao homem o encontro com a beleza da fé. O encontro com a beleza pode tornar-se no golpe do dardo que fere a alma, abrindo-lhe os olhos, isto é, dando-lhe uma nova capacidade de ver a realidade profunda: o esplendor da beleza de Deus no rosto de Cristo e da nossa vida com Deus em Cristo. Dará origem a uma nova cultura da beleza que se oponha e supere a cultura do feio que procura

<sup>16</sup> VON BALTHASAR, H. U. – *Gloria I*, 175.

<sup>17</sup> Id., *Verbum Caro*. Madrid 2001, 115.

<sup>18</sup> Santo Agostinho – *Confissões* X, 53.

<sup>19</sup> S. Leão Magno – *Sermo* LXXIV, 4.

convencer que toda a beleza é engano e que só a representação da crueldade, da baixeza e da vulgaridade é verdade e iluminação.

### 3. O cristianismo, fonte de uma cultura de beleza

#### 3.1. A liturgia, ícone da beleza divina

Este mistério da beleza de Deus em Cristo é expresso e comunicado aos homens, de modo singular e simbólico – sacramental, antes de mais na liturgia cristã. Como diz S. Leão Magno “Quod erat visibile in Christo, transivit in ecclesiae sacramenta”, de tal modo que a liturgia é um lugar privilegiado do esplendor da beleza, particularmente o mistério da eucaristia. De facto a eucaristia é o mais alto ícone da beleza de Deus revelada em Cristo, porque é a presença real do “mais belo entre os filhos dos homens” (Sl 45,3) na totalidade da sua pessoa de Crucificado-Ressuscitado e na plenitude do seu mistério: a beleza do amor que se dá a nós, que nos redime e transfigura, que nos revela o olhar do Pai que de modo permanente nos cria e nos faz bons e belos. Como diz S. Bernardo: “Deus ama-nos não porque somos bons e belos; mas somos bons e belos porque Deus nos ama”.

A liturgia é, simultaneamente, culto e cultura. A vocação duma liturgia inculturada é introduzir-nos com todo o nosso ser na grandeza e beleza do mistério da fé, na acção salvífica de Deus no seu Filho Jesus.

A liturgia é bela porque exprime a beleza da santidade de Deus. Ela permite a passagem do “para nós” ao “maior e mais íntimo que nós”. A liturgia só é bela e verdadeira se desprovida de toda outra motivação que não seja a celebração do Senhor. O próprio rito é o caminho da beleza. A beleza dos ritos, dos sinais e símbolos, dos gestos, dos cânticos e dos ornamentos da celebração tem como finalidade introduzir-nos no encontro com o mistério de Cristo que renova para nós, sem cessar, o seu sacrifício de amor. Ela exprime a beleza da comunhão com Ele e com os irmãos, a beleza duma harmonia profunda que se traduz em gestos, símbolos, palavras, imagens e melodias que tocam profundamente o coração e o espírito, que suscitam o assombro, o deslumbramento de encontrar o Senhor ressuscitado “Porta da Beleza”<sup>20</sup>. A liturgia é também “porta da beleza” através da qual irradia para nós a beleza divina e nós a contemplamos e nos deixamos envolver por ela.

<sup>20</sup> Cf. MALDONADO, Luís – *Liturgia, Arte, Belleza. Teologia y estética*, Madrid 2002, 81-96.

Era a oração eucarística de Teresa, doutora da Igreja: “Meu Bem amado, vem viver em mim. Oh! Vem, a tua beleza arrebatou-me. Digna-te transformar-me em Ti”!

#### 3.2. A arte, epifania da beleza

A experiência cristã precisa de ser traduzida na linguagem da beleza, na linguagem artística, como diz João Paulo II na Carta aos Artistas: “Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem que transpor para fórmulas significativas aquilo que em si mesmo é inefável. Ora a arte tem uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem vê ou ouve”<sup>21</sup>.

E o Papa relê, no seu documento, toda a história da salvação até aos nossos dias, para mostrar como o mistério cristão na Bíblia foi desde as origens do cristianismo uma fonte rica de inspiração artística. Durante séculos tem sido o maior reportório simbólico e iconográfico da humanidade. Como dizia Paul Claudel, um “imenso dicionário de símbolos”, “os vitrais transparentes do nosso apocalipse”; ou, segundo Eliot, “o jardim da imaginação”; e ainda, no dizer de Chagall, “o alfabeto cor da esperança”, “um atlas iconográfico” onde a cultura e a arte foram beber.

Quem observar com atenção, aperceber-se-á de que nasceram e continuam a nascer, através da inspiração da fé cristã, obras de arte notáveis, tanto no âmbito da imagem como no da música e da literatura.

Em síntese admirável e densa, von Balthasar mostra como a fé se torna força inspiradora de artistas crentes e não crentes e do belo que resplandece nas suas obras:

“O belo voltará a existir tão somente se, – entre a salvação teológica e o mundo perdido no positivismo e na falta de coração –, a energia do coração cristão se tornar suficientemente grande para experimentar o cosmos como revelação de um abismo de graça e amor absoluto e incompreensível. Não meramente “crer”, mas experimentar.

É claro que Dante, Shakespeare e Calderón foram capazes disso. Mas mais surpreendente é que também Eichendorf e Runge, que se encontravam

<sup>21</sup> N. 12.

já presos do fragmentário, o conseguissem de igual modo; para já não falar do milagre de Mozart que, separado de todo o autêntico mundo mítico por um muro de convencionalismos, tem a suficiente energia de coração para ver todo o convencional à luz do autêntico e infundir a todo o ser criado um som, que é ao mesmo tempo cristão e cósmico.

À sua maneira, de modo discreto, também Hopkins alcança a pureza de uma harmonia e o seu coração mantém tenso o arco que vai desde as “exercitações espirituais” até à criação, experimentada de maneira verdadeiramente mítica.

O mundo total de Claudel, que ele chamava católico, mas que, a miúdo foi acusado de conter inconscientemente elementos pagãos, é um mundo de natureza e graça, de céu e terra, de Bíblia e natureza, de eros e caritas, de prazer na concriatura e de humilhação, de paixão fria de descobridor e de amor místico ao mistério insondável: este mundo só pode ser hoje o produto de um coração cristão cheio de energia. Nenhum outro autor deu, no nosso século, um sim tão rotundo ao ser na sua totalidade, por muito que queiram criticá-lo os existencialistas.

E, a seu lado, não tão vitoriosamente compacto, mas talvez com maior energia de coração, na sua combinação de “alma pagã e alma cristã”, está Charles Péguy, cuja poesia se converte directamente em oração e em monólogo de amor de Deus Pai à vista do mundo criado por Ele, com o seu Filho morto no centro, envolvido no suave obscurecimento da noite... Mas, certamente, a hora actual é a hora da falta de amor que priva radicalmente os seres da sua beleza eterna”<sup>22</sup>.

Para definir a influência decisiva que o mistério cristão tem na arte poder-se-ia também partir de um artista concreto, de um escritor, de um poeta, de um músico, de um pintor, de um cineasta e até de cada uma das suas obras, dos seus quadros ou filmes. Mas isso seria uma tarefa ciclópica para a qual me falta talento! Gostaria de sugerir o modelo de Marc Chagall. O que ele diz da Bíblia, pode referir-se a todo o mistério cristão: “Eu não li a Bíblia, sempre a sonhei. Sempre me pareceu e continua a parecer que é a maior fonte de poesia de todos os tempos. A Bíblia é como uma ressonância da natureza e procuro transmitir este segredo”<sup>23</sup>. G. Bachelard dizia: “Chagall lê a Bíblia e imediatamente as personagens bíblicas se convertem

<sup>22</sup> *Verbum Caro*, 118-119.

<sup>23</sup> RAVASI, G. – *Bíblia y cultura: arte*, in P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlanda (dir.) – *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, Madrid 1990, 206.

em luz”<sup>24</sup>. É a sintonia da fé com uma mensagem que é infinita, mas que é também carne, sangue, lágrimas, riso, música, cores, símbolos, aromas, desejo insaciável, vida.

A Bíblia é o canto da presença de Deus no meio destas lágrimas e deste gozo e Chagall vê na dor e na infelicidade da existência humana a reprodução da Bíblia quase em filigrana, numa genuína actualização.

A exegese visual de Chagall está orientada pela fé e a fé é abertura ao infinito; é a tentativa de romper o silêncio do mistério. Chagall é o cantor do novo dia da história da salvação, um dia de esperança e de cores, purificado pelas lágrimas.

A interacção fecunda entre a fé e a arte é de tal forma que, segundo o teólogo Pe. Chenu, citado pelo Papa João Paulo II, “o historiador da teologia faria obra incompleta se não reservasse a devida atenção às realizações artísticas, literárias ou plásticas, que constituem, a seu modo, não só ilustrações estéticas, mas verdadeiros lugares teológicos”<sup>25</sup>.

E Ratzinger, a seu modo, confirma: “Ouvindo Bach e Mozart na igreja, ambos nos fazem sentir, de modo magnífico, a glória de Deus: nas suas músicas encontra-se o infinito mistério da beleza, deixando-nos experimentar, mais do que em muitas homilias, a presença de Deus, de forma mais viva e genuína”<sup>26</sup>.

### 3.3. A beleza da santidade

“Nem todos são chamados a ser artistas, no sentido específico do termo. Mas, segundo a expressão do Génesis, todo o homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima”<sup>27</sup>. Cada um de nós pode e deve fazer da própria existência, pessoal e comunitária, algo de belo, um anúncio da beleza de Deus, reflexo da sua santidade.

A santidade da existência é expressão incarnada da beleza da vida em Cristo e com Cristo que se faz cultura quotidiana na rectidão da consciência e da vida, no dom de si, no serviço da caridade. Como diz Stº Agostinho: “quanto mais cresce em ti o amor, mais cresce a beleza, porque a caridade é a beleza da alma”.

<sup>24</sup> *Ib.*, 207.

<sup>25</sup> N. 11.

<sup>26</sup> *Introdução ao espírito da liturgia*, Lisboa 2001, 108.

<sup>27</sup> JOÃO PAULO II – *Carta aos Artistas*, n. 2.

Há um dado evangélico que nos ajuda a reconhecer a beleza da santidade. Sublinha-o Pavel Florenskij, o “Leonardo da Vinci russo”, génio da ciência e do pensamento filosófico e teológico, sacerdote de Cristo e mártir do extermínio estalinista. Comentando Mt 5,16 “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens para que, vendo as vossas boas obras dêem glória ao vosso Pai que está nos céus”, ele observa que “os vossos actos bons” não quer dizer “actos bons” em sentido moralista. Quer dizer “actos belos”, revelações luminosas e harmoniosas da personalidade espiritual – sobretudo, um rosto luminoso, belo, de uma beleza através da qual se expande para fora a luz interior do homem e então, vencidos pela irresistibilidade desta luz, os homens louvam o Pai celeste cuja imagem resplandeceu assim sobre a terra”<sup>28</sup>.

Onde a caridade irradia, aí aflora a beleza que salva, aí se louva o Pai celeste, aí cresce a unidade dos homens em Cristo.

### 3.4 A consolação da beleza

O antigo contencioso entre beleza e dor tem uma figura de resolução: a consolação<sup>29</sup>. Um sofrimento não negado pode encontrar sentido e respiração se encontra uma pessoa ou um acontecimento capaz de derramar o óleo da consolação sobre as suas feridas. Tudo permanece idêntico e todavia cada coisa é vista de modo novo: quando uma luz dourada recai sobre os objectos que estiveram sempre diante dos nossos olhos, eles, embora permanecendo idênticos, não são mais o que eram antes. Nada mais longe da consolação do que o esquecimento que se limita a envolver as coisas num cinzento nublado.

É uma experiência ínsita na alma humana que o belo pode consolar, que entre os seus braços o peso da existência encontra alívio. O belo pode ser consolador, mas não é uma terapia. Propor, a quem está mergulhado na dor, a beleza como resposta que vence o seu sofrimento, é cair numa pretensão impiedosa.

A dimensão de consolação ligada à beleza só é possível se somos surpreendidos pelo belo e não o consideramos alheio ao mundo da dor e do sentido. A beleza capaz da consolação testemunha que é possível aceder e abrir-se a uma “outra dimensão”, diversa e mais intensa do que a

<sup>28</sup> *Le porte regali. Saggio sull'icona*. Milano 1999, 50.

<sup>29</sup> Cf. STEFANI, P. – *La consolazione della bellezza*, in *Il Regno* 2004, 12, 436.

dimensão quotidiana, que projecta um raio de luz sobre a “noite escura” de Sexta-feira santa e uma palavra de esperança sobre o silêncio sepulcral do Sábado santo da história, que está entre a dor da cruz e a alegria da Páscoa.

A noite é um símbolo muito usado para descrever situações interiores da mente e do coração, mas também situações exteriores da história. Basta pensar numa das obras mais conhecidas da mística católica: a “Noite escura” de S. João da Cruz. É um livro bellissimo que começa com um cântico da alma do próprio santo – um dos cânticos mais famosos de toda a literatura espiritual –, cuja primeira estrofe recita:

*Numa noite escura  
Com ânsias de amor toda inflamada  
Ó feliz ventura!  
Saí sem ser notada  
Estando já a minha casa sossegada.*

Podemos recordar também a afirmação de Pascal quando, referindo-se a uma sua noite luminosa, exclamava: “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob... Alegria, alegria. Lágrimas de glória”!

A beleza destes instantes não é uma fuga. Eles provam para si e para os outros que o viver tem um significado, um sentido e indicam que, se nem tudo é ainda resgatado, algum fragmento já o pode ser e, precisamente por isso, não fica fechado em si mesmo.

O adjectivo “inesquecível” ou a expressão “não esquecido” que caracterizam estas experiências de beleza ao longo da repetitividade dos dias, confirmam que esses instantes não ficam fechados em si mesmos; são “outra coisa”, mas a sua recordação acompanha-nos ao longo do caminho quotidiano. O seu carácter fragmentário guardado na memória pode assim transformar-se em esperança de uma plenitude ainda não alcançada.

Para uma antropologia teológica que não se confronta só com a natureza, mas crê na criação e na ressurreição, o sofrer pode estar para a beleza como as dores para o parto.

Alguma coisa deve nascer, mas quem veio à luz é ainda só uma primícia à espera de um renascimento maior. A beleza é consoladora somente se desabrocha na esperança. Mas para ser digna da esperança, deve tomar a sério o sofrer universal na solidariedade e na compaixão.

### 3.5. A civilização da beleza e do amor

A experiência cristã tem em si uma força intrínseca de irradiação, para o mundo, da beleza que salva. A fé, a esperança, a caridade vividas no mundo e celebradas na liturgia, são fonte de uma cultura humanístico-social, na medida em que são portadoras de atitudes e comportamentos pessoais e sociais nos vários âmbitos da convivência humana: o testemunho do mistério, a experiência da fraternidade, o espírito da reconciliação e da paz, o sentido da partilha e da solidariedade, a força da esperança, a busca da justiça, a experiência da Igreja como “casa e escola de comunhão”, as atitudes de acolhimento e hospitalidade, a dimensão festiva da vida, a celebração do domingo como princípio de humanização e de repouso interior e exterior dos homens com Deus, com os outros e com a natureza. São atitudes fundamentais que configuram uma espiritualidade incarnada no mundo, contributo indispensável para construir a civilização da Beleza e do Amor. Não há beleza sem amor; e onde há amor, aí há beleza!

### 3.6. A contemplação da beleza

O belo é para contemplar. É da ordem do olhar e não do tacto. Uma cultura sem beleza é uma cultura sem contemplação; e uma cultura sem contemplação é uma cultura sem beleza. Mas a contemplação requer uma conversão do olhar interior e exterior, requer o despertar a capacidade simbólica do homem, a unidade de concentração dos sentidos corpóreo-espirituais.

A uma sociedade como a nossa, que quer viver tudo em pouco tempo, é preciso opor e propor a coragem do longo prazo, do tempo, da liberdade e da concentração do espírito e dos sentidos. O ritmo da sociedade apressada, pressionada, estressada não é conciliável com a verdadeira percepção, a interiorização, o deslumbramento e a contemplação.

A velocidade à qual se sucedem as imagens de um videoclip não nos permite olhá-las verdadeiramente. Hoje aprende-se a falar de uma obra, mas não se aprende a deixar-se penetrar pelo sentido real que nela está presente e que dela emana.

É preciso encorajar tudo o que estimula a nossa faculdade de contemplação para que a beleza nos atraia, nos transforme. Paul Ricoeur falava da “segunda ingenuidade” tão necessária depois do século das luzes. Não é um sinal de fraqueza, mas antes de grandeza do homem, o deixar-se emocionar, porventura até às lágrimas, pelo Belo e pela Beleza que salva.

Jean Guitton, falando da arte, cita esta frase de Braque: “A obra de arte começa por um problema e acaba por uma oração”<sup>30</sup>. Falando nós da beleza, terminemos também com uma oração que é uma obra de arte, um hino à Beleza que salva e nos convida a contemplá-la: “Bem eu sei a fonte que mana e corre” de S. João da Cruz, em que Deus, no seu amor trinitário, é o mistério da fonte e o mundo e os homens são o mistério da sede:

Bem eu sei a fonte que mana e corre,  
Embora seja noite.  
Aquela eterna fonte não a vê ninguém  
E bem sei onde é e donde vem,  
Embora seja noite.  
Não sei a fonte dela, que não há,  
Mas sei que toda a fonte vem de lá,  
Embora seja noite.  
Não pode haver, eu sei, coisa tão bela  
E céus e terra, beleza bebem dela,  
Embora seja noite.  
A claridade sua não escurece  
E sei que toda a luz dela amanhece,  
Embora seja noite.

Tão caudalosas são suas correntes  
Que regam céus, infernos e as gentes,  
Embora seja noite.  
E esta eterna fonte está escondida  
Em este vivo pão a dar-nos vida,  
Embora seja noite.  
Aqui está a chamar as criaturas  
Que bebem desta água, e às escuras,  
Porque é de noite.  
Esta fonte viva que desejo,  
Em este pão de vida, aí a vejo,  
Embora de noite.

† ANTÓNIO MARTO, Bispo de Leiria-Fátima

<sup>30</sup> *Últimas Palavras*. Lisboa 2000, 130.